



Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia SALT - NE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA - DEDUC
RECONHECIMENTO MEC DOC. 356 DE 31/01/2006 PUBLICADO EM 01/02/2006 NO DESPACHO 196/2006 SESU

DEVO JULGAR? SERMÃO

Cachoeira
2006

DEVO JULGAR?

SERMÃO

Trabalho Revisado, editorado e formatado por Adolfo R. Aquino e Joás Paulo de Souza e coordenado pelo Pr. Leonardo Godinho Nunes, no segundo semestre letivo de 2006.

Cachoeira
2006

SUMÁRIO

1	SERMÃO.....	3
1.1	INTRODUÇÃO:.....	3
1.2	I. SEU CONTEXTO HISTÓRICO NOS DIZ	3
1.3	1- Julgamento em Israel.....	3
1.4	2- Julgamento no Novo Testamento.....	4
1.5	II. ANÁLISE LITERÁRIA DO TEXTO CONCORDA COM O CONTEXTO	4
1.6	1- Análise do Termo “ <i>não julgueis</i> ”.....	4
1.7	2- O que Jesus queria dizer com isso?	5
1.8	3- E a medida?	6
1.9	III. ELE SE REFERIA AOS HIPÓCRITAS FARISEUS	6
1.10	1- O Exemplo de Hipocrisia	7
1.11	CONCLUSÃO:	8
1.12	APELO:.....	8
	REFERÊNCIAS.....	10

1 SERMÃO

ASSUNTO: Julgamento.

OBJETIVO: Saber se devemos julgar ou não.

TESE: Deus não nos proíbe de julgar.

TEXTO: Mateus 7:1-5.

1.1 INTRODUÇÃO:

Muitos tem questionado sobre a mensagem em que Jesus dirigiu no monte do qual faz parte de Seu sermão. A principio ele é enfático em dizer para que não se faça nenhuma espécie de julgamento, mas esta mensagem refere-se literalmente para que não se julgue de forma alguma? A quem Ele pronunciava tal ordenança? Qual era o ambiente que estava no momento em que suas instruções eram repassadas?

O presente estudo analisará o aparente problema sinóptico existente na perícopre apresentada no livro de São Mateus 7: 1-5. Procurando responder a altura das perguntas feitas acima. Dando ainda mais informações acerca do tema proposto para uma melhor compressão do texto. E para isso se faz preciso conhecer seu contexto histórico.

1.2 I. SEU CONTEXTO HISTÓRICO NOS DIZ .

O juízo é um dos principais pontos da fé do Judaísmo, onde, Deus é o Juiz que não tolera o mal, e através de Sua Santa Lei executa o juízo. O judeus muitas vezes presenciaram o juízo direcionado a seus antepassados, e agora procuravam ver qualquer falha ou um pecado particular nos outros e exercer juízo sobre eles para o povo não sofrer pelo pecado de outro. “Eles estavam tão envolvidos com o julgamento Divino que com o passar dos tempos passaram eles a serem o juiz, e julgarem os Judeus gentis.” ^[1]

1.3 1- JULGAMENTO EM ISRAEL

a) Em Israel a justiça era aplicada com o intuito de restaurar a paz na comunidade em casos difíceis eles removiam o membro que cometia ofensas^[2]

b) E isso era baseado na salvação pelas obras, entretanto, Jesus veio mostrar que o juízo não mas seria pelas obras e sim pela fé. Tanto o juiz como o executor do juízo seriam ambos divinos; aqui está uma das grandes causas do desentendimento dos judeus para com Jesus o Messias.

1.4 2- JULGAMENTO NO NOVO TESTAMENTO

a) Com a helenização do povo judeu, eles passaram no Novo Testamento a acreditar como os gregos que não haveria um julgamento após a morte. Com isso na ocasião em que Jesus pregava no monte, os fariseus se faziam presente.

b) O ambiente em que foram pronunciadas as palavras de Jesus denotava-se como campestre onde estavam várias classes de pessoas, sendo eles camponeses judeus; possivelmente gentios; e religiosos fariseus e saduceus^[3].

c) Russell Champlin mostra que “os versos de 1 à 12 deste capítulo, constituem a quinta divisão do sermão... Aqui nos vss 1 a 5, temos o exemplo das atitudes farisaicas e a censura contra elas”^[4].

1.5 II. ANÁLISE LITERÁRIA DO TEXTO CONCORDA COM O CONTEXTO

Jesus inicia Sua mensagem no verso 1 com uma firme advertência. “Não julgueis, para que não sejais julgados”.

1.6 1- ANÁLISE DO TERMO “NÃO JULGUEIS”.

a) O termo *Mh*;;;; ^[5],, segundo Willian Sanford LaSor, em seu livro: *Gramática sintática do grego no N.T.*, 73. Cita que este advérbio de negação “é usado para negar uma oração ou período no qual esteja implícita dúvida ou incerteza, o mesmo

acontece quando é usado no particípio quando ele indica uma condição ou quando é equivalente a uma oração condicional relativa.

ετενιρκb) Já o vocábulo (*Krínete*) é um “Verbo na 2ª pessoa do plural, presente do imperativo^[6] ativo.”^[7]

c) O modo imperativo é um modo de ordens, proibições, exortações, rogos, e semelhantes. Sendo que indica uma ação durativa. Tendo em vista que, geralmente, uma ordem é dirigida a pessoa à quem se fala.

1.7 2- O QUE JESUS QUERIA DIZER COM ISSO?

a) Ao Jesus fazer a proibição no versículo 1 Ele quer esclarecer que esta modalidade de julgamento censurador, injusto e condenativo, que não pode ser justificado, não deve ser praticado.

b) Na ocasião Ele se referiu às atitudes e ações dos fariseus que censuravam os outros em tudo sem jamais reconhecerem qualquer tipo de defeitos neles mesmos.^[8]

c) Diz Ellen White que somente Deus é competente para julgar as intenções dos seres humanos, porque somente Ele pode saber os pensamentos íntimos dos homens^[9] (Hb 4:12). E a Bíblia mostra isso claramente em Rm 2:1-3.

d) O judeu condenava o gentil mesmo fazendo as mesmas coisas que este. Entre os judeus, os fariseus eram o exemplo mais destacado deste pecado. “Quanta leviandade, precipitação, preconceito, maledicência, ignorância, vaidade e egoísmo existem na maior parte dos julgamentos pronunciados neste mundo”.^[10] Portanto este julgamento é uma atitude de censura enfatizando sempre o erro alheio.

APLICAÇÃO:

a) O julgamento dessa natureza é contrário a lei do amor (Mt 5:38-46; I Co 13). “A base psicológica desse tipo de julgamento é o egoísmo puro”.^[11] Ao contrário da personalidade divina que é amor. Quem se atreve a julgar, se arroga uma função de Deus. Que assim procede não tem uma relação com Deus.

b) Ellen G. White nos diz no O Desejado de Todas as Nações:

Não vos julgues melhores que outros homens, não vos arvoreis em juizes seus. Uma vez que não vos é dado discernir os motivos, sois incapazes de julgar um ao outro. Ao criticá-lo, estais-vos sentenciando a vós mesmos, pois mostrais Ter parte com Satanás, o acusador dos irmãos. O Senhor diz: “Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos.” Eis nossa tarefa. “Se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.”^[12] II Co 13:5; I Co 13:31.

c) Por exemplo: em Mt 18 temos a parábola do credor incompassível que não perdoou, por isso não foi perdoado. Isto mostra que nossos atos alteram os padrões do julgamento de Deus.

1.8 3- E A MEDIDA?

a) Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também (v. 2). Essa medida “exprimi-o uma máxima que regulava os contratos de empréstimo e restituição de cereais, nos quais era prevista a mesma medida: com a medida que tiveres usado para pesar os outros ele vos pesará”.^[13]

b) Bondade atrai bondade; censura atrai censura; boas obras atrai o favor de Deus e o pecado atrai o julgamento.

c) Ellen White concorda com este ensino ao dizer que “não nos é ordenado fazer a nós mesmos tudo o que desejamos que os outros nos façam; cumpri-nos fazer aos outros o que desejamos que eles nos façam em idênticas circunstâncias. Com a medida com que medimos nos é medido de novo.”^[14]

1.9 III. ELE SE REFERIA AOS HIPÓCRITAS FARISEUS

O verso 5 começa dizendo: “Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e então, verás claramente para tirar o argueiro do teu irmão”. “A hipocrisia de condenar nos outros o que toleramos em nós mesmo é estabelecida na analogia do argueiro e da trave.”^[15]

1.10 1- O EXEMPLO DE HIPOCRISIA

a) Um exemplo claro de hipocrisia quanto a julgamento foi a reação de Davi com Natã^[16]. Davi o rei de Israel julgava e fazia justiça a todo o seu povo (II Sm 8:15) até o dia em que foi atraído pela beleza de Bate-Seba, esposa de Urias, oficial do rei, o qual foi morto por ordem de Davi para assim ficar com sua esposa. Deus enviou o profeta Natã para denunciar o seu pecado.

b) Após mencionar a parábola, do rico que tinha muitas ovelhas e vacas e do pobre que só tinha uma ovelha, a qual foi sacrificada pelo rico. Então irado, Davi decretou dos seus lábios a sua própria sentença de morte, quando disse: Digno de morte é o homem que fez isso. (II Sm 12:5-6) Disse Natã: Tu és esse homem.

APLICAÇÃO:

a) A pessoa de Davi tinha uma trave que não podia ter visão para ver o argueiro no olho do outro, os pecados que mais os homens cesuram, são aqueles que lhes causam mais problemas. "... a pessoa é pronta a discernir os erros de seus irmãos, talvez esteja em maior falta ela mesma, mas se ache cega a isso."^[17]

b) Jesus desenhou esse quadro de um homem com uma trave, tentando remover o cisco do olho do outro! Isso mostra que grande parte do juízo que fazemos dos outros é, dessa forma absurdo. É necessário sinceridade para reconhecer o pecado e submeter-se a juízo, removendo-o da sua vida.

c) Percebe-se que Jesus não condenou o juízo desfavorável sobre a conduta e a opinião de outras pessoas, nem tão pouco achou incorreto reprovar o pecado, desde que nosso comportamento seja irrepreensível. O que Jesus reprovou é a tendência para ver com lente de aumento os erros dos semelhantes.

d) A questão não é a trave ou o argueiro. Ambos precisam ser removidos, mas primeiro a trave.^[18] Após a liberação da trave, não estamos autorizados a exercermos juízo final, porquanto, pertence só a Deus (I Co 4:3-5).

e) Entendendo que nós estamos sempre sujeitos a parcialidade ou preconceito. Nesse caso qual posição tomar?. Não devemos julgar, ou condenar, ninguém, mas, por outro, temos de ter um espírito de julgamento em nossos contatos com nossos

semelhantes. É necessário que se tenham opiniões bem formadas e decididas para julgar “todas as coisas” (I Ts 5:21); para provar “os espíritos” (I Jo 4:1) condenar os pecados e não os pecadores.

f) Se fosse o contrário, seria impossível condenar o erro e as falsas doutrinas, seria um impedimento para quem quer ministro do evangelho ou juiz, os quais devem agir segundo a Palavra de Deus (Ap 3:8). O mundo estria nas mãos dos perversos (Jó 9:24). As heresias e os maus fatores se espalhariam e se multiplicariam por sobre a terra.

g) Deus atribuiu à igreja como corpo organizado a função de julgar, diz Ellen White: A igreja tem o dever para com os que caem em pecado, de advertir, instruir e, se possível, restaurar... chamai o pecado pelo seu verdadeiro nome... Se eles persistirem no pecado o juízo que haveis declarado segundo a Palavra de Deus é sobre eles proferida do céu. Preferindo pecar renunciam a Cristo; a igreja deve mostrar que não sanciona seus atos, do contrário ela própria desonra ao Senhor... Aquele que desdenha a autoridade da igreja, despreza o próprio Cristo. Tenha os pastores, terno cuidado pelo rebanho do pasto do Senhor. Falem ao extraviado, da perdoadora misericórdia do salvador. Animem o pecador a arrepender-se e a crer n'Aquele que pode perdoar... Tal remissão é ratificada no céu^[19].

1.11 CONCLUSÃO:

Por ter observado pelos contextos acima descritos descobre-se que Jesus falava especificamente a um grupo de pessoas que julgavam as outras de maneira condenatória, julgamento este que pertence somente a Deus.

Os fariseus ao executarem o juízo, exerciam justiça própria, tornando-se os padrões de julgamento, tendo como a base a crítica egoísta e implacável, se tornado egocêntricos juizes e mesquinhos espias. Cristo deixou claro que aquele que censura é mais culpado que aquele a quem acusa, pois não apenas comete o mesmo pecado, como acrescenta ao mesmo presunção e espírito de crítica..

Jesus não condenou o juízo desfavorável sobre a conduta e a opinião de outra pessoas, nem tão pouco achou incorreto reprovar o pecado, desde que o nosso comportamento seja irrepreensível, ou seja, primeiro tira a trave para poder ver argueiro do nosso irmão.

1.12 APELO:

Por algumas vezes temos agido de maneira como aqueles fariseus na época de

Cristo. Hoje a época é outra, mas o Cristo é o mesmo. E Ele pergunta: Quer você ser prudente em tudo? Então siga-Me.

REFERÊNCIAS

- [1] Gerhard Kittel, *Theological Dictionary Of The New Testamente*. (Michigan - Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1979), 3:935.
- [2] Colin Brown e Lothar Coenen (Orgs.) 2ªed. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), 1104.
- [3] J. Andrew Overman, *Igreja e comunidade em crises: o evangelho segundo Mateus* (São Paulo: Edições Paulinas, 1999), 113.
- [4] Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo* (São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995), 1:330.
- [5] Willian Sanford LaSor, *Gramática sintática do grego no N.T.* (São Paulo: Sociedade Edições Vida Nova, 1990), 73.
- [6] Ibidem, 36. Em adição, Lourenço Stelio Rega, *Noções do grego bíblico* (São Paulo: Sociedade Edições Vida Nova, 1993), 136.
- [7] J. Stegenga. *La concordancia analitica grego-española del nuevo testamento grego-español* (Viladecalls, Barcelona: Clie, s. d.), 442.
- [8] Champlin, 330.
- [9] Ellen G. White, *O desejado de todas as nações, (DTN)*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 280-281.
- [10] Champlin, 330.
- [11] Idem.
- [12] *DTN*, 314.
- [13] Giuseppe Barbaglio, Rinaldo Fabris e Bruno Maggioni, *O evangelho, I* (São Paulo: Edições Loyola, 1990), 138.
- [14] Ellen G. White, *Testemunhos seletos*, (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 1:211.

[15] Clifton J. Allen, *Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento (CBB)*, (Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983), 8:156.

[16] Ellen G. White, *Patriarcas e profetas*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 717-721.

[17] White, *Testemunho seletos*, 1:303.

[18] *CBB*, 156.

[19] White, *O desejado de todas as nações*, 805.

DEDUC
doutrinaadventista@iaene.br

Pr. Leonardo Godinho Nunes
beverlysmn@hotmail.com

Joás Paulo de Souza
joaspaulo@hotmail.com

Adolfino Ramos Aquino
adolfino@mail.ru